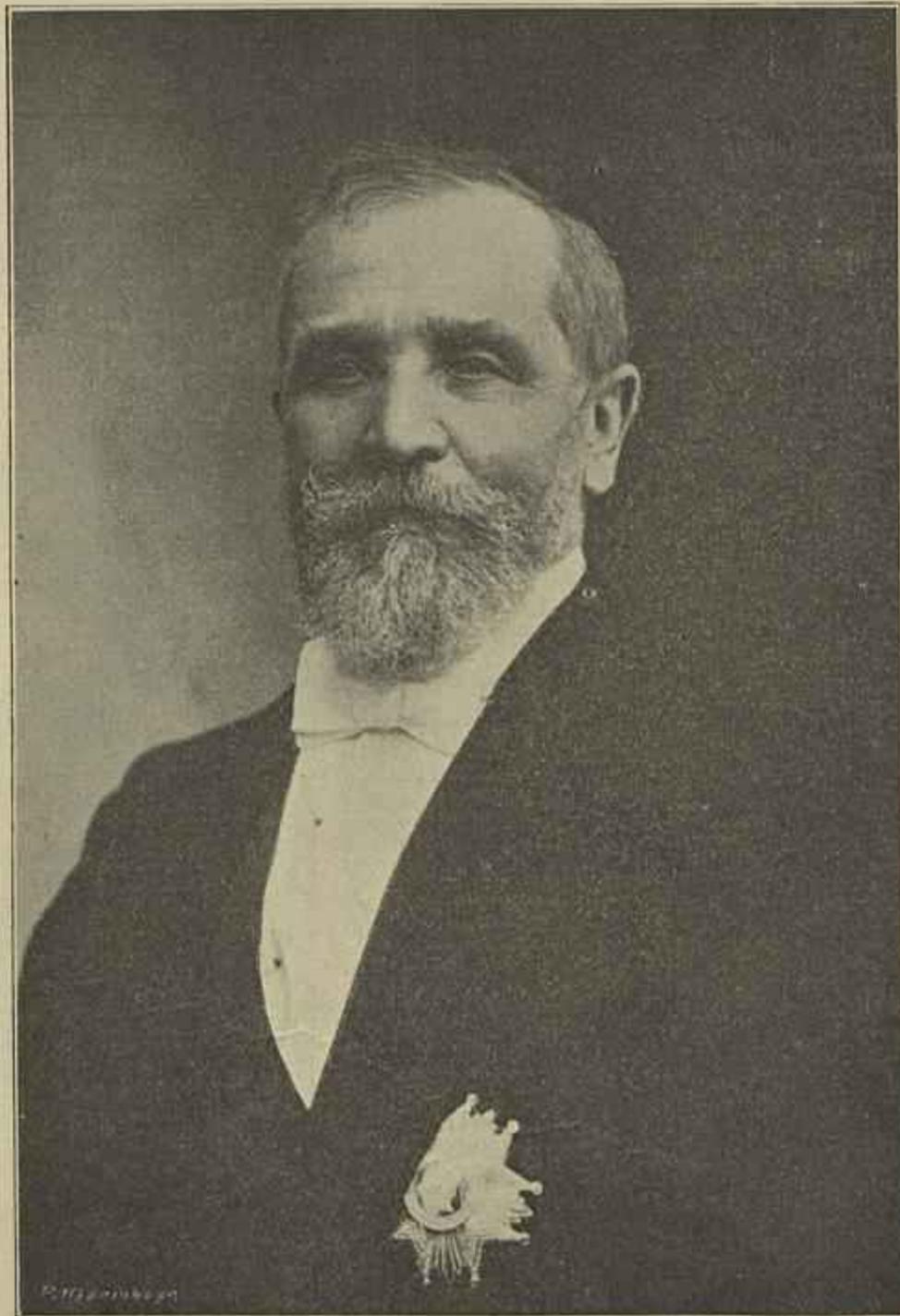


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º**	Trim. 9 n.º**	N.º a entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 965	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	38800	19600	6500	130	20 DE OUTUBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deveso ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Posseções ultramarinas (idem).....	42000	22000	7500	130		
Extrangeiro (união geral dos correios)	52000	28500	9500	130		

Visita do Presidente Loubet a Lisboa



MR. EMILE LOUBET — PRESIDENTE DA REPUBLICA DE FRANÇA

(Photographia de Dierredetil & Fils de Paris)

Chronica Occidental

Podem agora, á vontade, todos os mais dedicados a reclamar incendiar as fantasias, á descoberta de novas formas de aríscas em verso e prosa, que talvez andem perdendo o seu tempo. O Loubet é tudo agora, d'elle é que se falou, é d'elle que se está falando, é d'elle que se falará até que o ultimo penachinho de fumo atirado aos ares pelo *Léon Gambetta*, desapareça nos confins occidentaes do horizonte.

Tudo, mais ou menos, do programma está definido.

Mandam muitos dos principaes jornaes de Paris representantes seus a Lisboa: *Le Temps*, *La Petite République*, *Le Matin*, *Le Gaulois*, *La Presse*, *La Nouvelle Presse*, *Gil Blas*, *L'Illustration*, *L'Armée et la Marine*, *Le Petit Journal*, *La Dépêche*, *Le Figaro*, *Le Journal*, *La Presse Illustrée*, etc. A estes jornalistas que nos visitam preparam a recepção os jornalistas portuguezes, que já conferenciaram com os srs. governador civil e ministro de França. Ser-lhes-ha provavelmente offerecido um passeio a Cintra e Cascaes e talvez outro pelo Tejo até S. Julião da Barra. No theatro D. Amelia é lhes dedicada uma recita em que será recitada por um dos nossos primeiros actores uma poesia franceza de Abel Botelho. No final do espectáculo será cantada a Marselheza por um grupo de cegos da Escola Branco Rodrigues, depois da representação do drama francez *Cesar de Bazan*.

Em diferentes ruas já começaram os trabalhos de ornamentação. Tribunas e coretos espalhados pelo trajecto que deve seguir o presidente, começam a mostrar seus esqueletos. As gargantas preparam-se para os vivas.

O tempo é que infelizmente já se não mostra tão seguro, nem tão azul o céu como ainda ha poucos dias. O maravilhoso outomno com que nos costuma brindar a natureza ao approximar-se o verão de S. Martinho, queira Deus que não pregue a sua partida, pois que, por muito boas vindas que demos ao chefe do estado francez, nada mais esplendido lhe poderíamos offerecer do que os nossos dias sem uma nuvem, como elle raras vezes os terá admirado, e as nossas noites estrelladas.

Seja como fór, haverá alegria na recepção, e o nosso hospede poderá contar aos que tão injustos em França são por vezes comosco, como ella é entre nós estimada e respeitada.

Dois dias apenas se demorará entre nós o Presidente. E' pouco; é uma razão para que mais intensas sejam as manifestações que lhe hão de ser feitas, e de ellas se dará de certo por satisfeito.

Diz-se que serão verdadeiramente deslumbrantes as ornamentações e illuminações das ruas Augusta e do Ouro, do Carmo e do Chiado.

Bella entrada será do inverno. Pouco depois, os theatros começarão dando seus espectaculos de maior interesse e os que, em Cascaes, Estoril e praias do norte, costumam prolongar a estação, preguiçosamente começarão recolhendo.

Virão notabilidades estrangeiras trazer-nos suas novidades, e algumas velharias tambem, ao theatro D. Amelia. E' como um toque para recolher aos penates lisboenses. Até lá não haverá forças para trazer a Lisboa os que andam encantados em amores de mulheres, de paizagens maritimas ou batotas.

Muitos dos annunciados espectaculos são realmente de tentar os que pela arte sentem um bocadinho de amor. Já muita vez aqui nos mostrámos partidarios da vinda a Lisboa dos optimos artistas estrangeiros. E' sempre favoravel ás coisas d'arte sua visita, e d'essas não tem os artistas portuguezes razões de queixa, embora algum empresario as tenha. Mas se estes forem de ainda ouvir as consciencias, curvarão humildes as cabeças, recitando pungidos o *mea culpa*.

Emquanto as nossas palmas irão pagando a Susana Desprez no D. Amelia e, segundo se annuncia, a Perosi em S. Carlos, os optimos momentos de arte que nos vieram trazer, um artista portuguez, agora em começo de sua carreira, continuará sendo applaudido nos theatros de Italia.

Entre nós começou estudando e, ha apenas dois annos, quando alumno do Conservatorio de Lisboa, de arte musical e arte dramatica, alguma vez o applaudimos nos sarás ali realizados. Sua voz, ainda não desenvolvida, era d'um bello timbre, sympathica, e já o artista, que a Augusto Machado merecera os maiores desvelos, mostrava quanto uma posterior educação, em meio mais artistico do que o nosso, poderia favorecer. Dois annos apenas em Italia, e eil-o applaudido nos theatros onde tem cantado, eil-o victorizado,

conforme jornaes que lemos, na recita que lhe foi dedicada.

Não são tão vulgares artistas portuguezes conseguindo triumphos em terras estrangeiras, que não seja com muito jubilo que nos referimos ao antigo discipulo do Conservatorio, Julio Camara, e não fosse com verdadeira satisfação que lemos os elogios que lhe tece a imprensa italiana.

Estes sentimentos serão decerto partilhados por Augusto Machado, que tão intelligente e dedicadamente dirige os trabalhos musicas do Conservatorio e por Eduardo Schwalback inspector, a quem Julio Camara sempre mereceu as melhores attentões.

Bem diz-se o trabalho quando foi util e d'elle se obteve portanto a devida recompensa.

Vão os estudos começar por toda a parte, e com alegria certamente, maior este anno ainda para os rapazes do lyceu, applaudida como geralmente foi a ultima reforma da instrucção secundaria.

O espectro desapareceu, e desapareceu ainda, a seu tempo, uma ou outra nuvenzita negra que anda toldando visões. Nada mais difficil do que estes problemas. Mas felizmente superintende n'estes negocios de instrucção um funcionario, cuja intelligencia e dedicação ao trabalho elevaram á alta posição que hoje occupa.

Não ha pae que hoje não respire livremente, ao lembrar-se de como se tornou mais facil o caminho que o filho tem de percorrer, mais facil e sobretudo mais util, por muito mais pratico e menos acabrunhador dos espiritos e da saude inclusivamente.

Não se trata já de fazer sabios; vai-se tratando de fazer homens, que é do que mais se precisava.

Gosam os rapazes ainda por uns dias umas feriasitas que muito sensatamente lhes foram concedidas pelo ministerio do reino. Isso lhes dará talvez n'esta hora umas tendencias progressistas; pois ainda maior favor devem a este governo, que elles não saberão por enquanto agradecer.

Tão conveniente seja como a reforma da instrucção os novos decretos dictatoriaes que brevemente sahirão a lume, conforme ficou decidido no ultimo conselho de ministros realizado na Anadia, onde o sr. José Luciano de Castro está tratando da sua saude e da fabricação de seus vinhos. Serão esses decretos que hão de entreter por estes dias os curiosos de artigos de fundo, visto que outro assumpto de maior interesse, a reconciliação entre governamentais e dissidentes, parece ter sido bola de sabão, que subiu muito bonita, muito iriada, mas que rebentou a pequenino sópro.

O inverno nos trará novas occasiões de falar em politica; nem os espiritos estão agora muito para ahí voltados. Os duellistas descançam e fumam o seu cigarro. As pennas e as gargantas afinam-se. Deixem que Loubet se retire, e o espaço occupado pelas descrições das festas brilhantes será preenchido não propriamente por entusiasticos panegyricos. Mais tarde será talvez peor, e não será surpresa para ninguém.

Mas o mundo continuará assim. Quem vae á guerra dá e leva, mas haverá sempre gente que continue gostando das guerras e da politica.

Que diferentes são as ambições dos homens! Uns tanto gostando de bulicio, outros só cuidando de obter um bocadinho de paz e tranquillidade! No bulicio qualquer entra; a paz e a tranquillidade tem que ser-lhes celestemente concedidas, não estão nas mãos de ninguém.

Quantos sonharam um viver socegado e, para isso, reuniram todos seus esforços de intelligencia e de actividade! Aplanaram o caminho, modestamente escolheram um ideal tangivel, não muito alto, bem sabendo que não ha melhor sorte do que ambicionar muito pouco; um bocadinho de luz e de calor n'um sorriso! E um acaso, em poucos minutos, rodeou-os de trevas e de frio! Como é difficil a felicidade e como é precaria toda a felicidade humana!

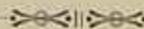
A uma pobre senhora era, ainda ha dias, não diremos alegria, mas pequenina luz, uma debil esperanza. Um cadaver, que os pescadores de Portugal encontraram boiando nas aguas do mar, veio demonstrar-lhe quanto eram errados os fundamentos d'essa

esperança que era toda a vida do seu coração. Pois em que haviam elles, os noivos de ha poucos annos, fundado toda a ventura, senão no que possuíam: um mutuo amor?

Ser vencido, mas na lucta, é talvez melhor. Doe mais ver fulminado aquelle que sorria para o céu, e a quem a terra um bocado de céu lhe parecia.

Onde se encontra a felicidade? perguntam alguns. Parece que a felicidade nunca se encontra!

JOÃO DA CAMARA



Visita do Presidente Loubet a Lisboa

Lisboa enfeitada de gallas para receber o chefe da nação franceza, como de gallas se adornou para receber os monarchas, que, no curto espaço historico de dois annos, vieram honrar Portugal com a sua visita.

Na primavera de 1903 recebemos o Rei Eduardo VII de Inglaterra, a nossa alliada secular; em dezembro d'esse anno o Rei D. Alfonso XIII de Hespanha, a nação visinha e cavalheirosa que, como a nossa, correu as aventuras dos seculos XV e XVI; na primavera d'este anno a Rainha Alexandra, e Imperador Guilherme II que mais obrigaram a gratidão dos portuguezes, verdadeiramente penhorados pelas provas de consideração e sympathia recebidas dos soberanos d'aquellas nações amigas.

Foi sol que brilhou mais intenso n'este extremo da Peninsula, onde tantos dias de tristeza e lucto tem decorrido, em seculos que passaram, em tempos que não vão muito longe.

Que elles não voltem, e que a alegria entre em nossos corações desafogada e franca para que as festas exprimam bem a grandeza d'alma d'este povo.

Visita-nos agora o Presidente Loubet, o chefe da nação franceza, que já dominou o mundo pela espada do grande Bonaparte, que um seculo ha se perdeu no nada das coisas do mundo, e que o domina agora pelo seu grande espirito e pela sua grande arte a par da sciencia em que dá ao mundo homens como Pasteur, a quem a humanidade tece seu côro de louvores.



M.^{me} LOUBET — Mãe do Presidente da Republica Franceza

Estas deviam ser as aspirações da civilização actual, porque só no dia em que se desarmassem os exercitos, livrando a humanidade d'esse tributo que a esmaga, o mundo poderia ser feliz, a civilização teria attingido sua maior gloria.

E, pois, a França d'hoje que saudamos na pessoa do seu chefe; é a Mr. Loubet que recebemos em nosso paiz, que tantas provas tem dado á França das sympathias que lhes merece; e que esta rapida visita do Presidente da Republica, leve a seu espirito boas impressões a respeito d'este povo, nem sempre justamente apreciado.

Vae para sete annos, — fevereiro de 1899 que Mr. Emile Loubet entrou no Eliseu aclamado por toda a população parisiense com indescriptivel entusiasmo.

Fôra eleito por uma maioria de 483 votos contra 270.

Nascido em Marsanne a 30 de dezembro de 1838, filho de Mr. Antoine Auguste Loubet, modesto proprietario, seguiu estudos e formou-se em direito. Abriu banca de advogado em Montelimar onde passou os melhores annos da sua vida até que a politica o empolgou, principiando por vereador municipal, maire, vereador geral, deputado, senador e ministro, presidente do conselho e presidente do senado, cargo logo abaixo do de Presidente da Republica.

Como se vê seguiu toda a escala da carreira politica até a suprema magistratura do seu paiz.

Assim se formou o actual presidente da Republica de França, que tem dado sobejas provas da sua grande capacidade e finura de espirito.

Quando foi eleito presidente da Republica ainda sua mãe era viva, uma octogenaria, com seus 86 annos, vivendo na sua casa de provincia entregue aos cuidados da sua lavoura, com toda a simplicidade e modestia da vida dos campos.

Mr. Loubet casou em Montelimar, quando simples advogado com M.^{lle} Marie Denis de Montelienne, filha de Mr. Denis Picard, negociante de mataes. D'este casamento houve tres filhos.

M.^{me} Loubet tem sabido acompanhar seu esposo, como senhora de fino espirito, preferentemente a altura de com elle partilhar das honras que a sua alta posição lhe confere.



MR. MAURICE ROUVIER

Na visita a Portugal de Mr. Loubet acompanha o chefe da nação franceza, Mr. Maurice Rouvier, presidente do conselho e actual ministro dos estrangeiros de França.

Mr. Maurice Rouvier é um antigo parlamentar, experimentado nas luctas da politica, grande financeiro, tendo sido por vezes ministro da fazenda, e a quem a Republica deve assignalados serviços.

Mr. Maurice Rouvier deixou a pasta da fazenda para tomar a dos estrangeiros, occupada por Mr. Delcasse cuja orientação politica ia provocando o conflicto com a Alemanha na questão de Marrocos, e sem quebra de dignidade para a França, mas com muita prudencia e tino, Mr. Rouvier chegou a accordo com aquella potencia sobre a proposta conferencia de Marrocos, salvaguardando os interesses da sua nação.

Se outros titulos o não recommendassem á consideração geral, bastaria este facto para lhe grangear todas as sympathias, por ter conseguido debelar um conflicto que tanto chegou a inquietar as chancellarias.



M. CHARLES ROUVIER

Desde 1897 que M. Charles Rouvier é ministro da França em Portugal, onde pelas suas primorosas qualidades de caracter e elevação de espirito é altamente apreciado, possuindo a estima da nossa primeira sociedade.

M. Charles Rouvier é hoje o decano dos diplomatas francezes em actividade e é longa a lista de serviços prestados ao seu paiz.

Official do exercito francez distinguuiu-se brilhantemente na guerra de 1870, sendo condecorado cavalleiro da Legião de Honra, pelo que o

illustre diplomata d'hoje, poderia tambem ter sido um valente general.

Os seus primeiros passos na carreira diplomatica principiaram no ministerio dos estrangeiros, até que, em 1879 passou ao serviço estrangeiro,



M.^{me} LOUBET

desempenhando successivamente o logar de segundo e primeiro secretario de embaixada, exercendo interinamente o cargo de encarregado de negocios nas legações de Buenos-Ayres e do Rio de Janeiro, distinguindo-se muito especialmente no periodo revolucionario que a Republica Argentina atravessou em 1880, fazendo respeitar os direitos e os interesses do seu paiz.

Em 1883 foi elevado a ministro plenipotenciario de segunda classe, creditado junto da Republica Argentina onde negociou com esta nação um tratado de commercio bastante vantajoso para a França.

Em 1887 foi elevado a official da Legião de Honra pelos altos serviços prestados ao seu paiz, e em 1892 promovido á primeira classe de ministro plenipotenciario.

As provas, que M. Rouvier, deu de alta competencia na administração dos negocios, levou o governo francez a nomeal-o Presidente geral em Tunis, onde a França exerce o seu protectorado.

M. Rouvier desempenhou-se d'este difficil cargo acima de todo o elogio, exercendo zelosa e activa administração, restabelecendo as finanças d'aquelle paiz, dando o maior impulso ás obras publicas, caminhos de ferro, portos, como o de Sousse e o de Sfax, exploração de minas, tudo por concessões particulares, sem contrahir empréstimos nem levantar tributos.

Deu grande desenvolvimento á colonização e á agricultura, promoveu a instrucção pratica e profissional, alargou o credito, conseguindo reduzir a taxa de juros que tinha attingido a usura.

A sua estada em Tunis ficou assignalada por uma sabia e proveitosa administração, e quando M. Rouvier deixou aquelle paiz para proseguir a sua carreira diplomatica, recebeu as maiores demonstrações de sympathia e alto apreço tanto do povo indigena como do Bey, auctoridades e colonia franceza.

De Tunis passam M. Rouvier a Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario a Stokolmo, onde não tardou a fazer-se estimado pela corte da Suecia. Foi, porem curta allí a sua permanencia, pois a 27 de setembro de 1897 era transferido para Lisboa.

M. Charles Rouvier nasceu em 1849. Na sua idade a experiencia do mundo dá maior valor ás

suas qualidades, tanto mais quando a sua vida tem sido cheia de bons serviços em que tem provado a sua alta capacidade.



O ALBUM OFFERECIDO PELA COLONIA FRANCESA A MR. LOUBET

Entre as demonstrações festivas e de apreço da colonia franceza a Mr. Loubet, por occasião da sua visita a Lisboa, conta-se a da offerta de um album com as assignaturas dos membros da colonia, album que é ao mesmo tempo uma preciosa obra d'arte devida a artistas portuguezes.

Foi o nosso presado amigo Lucien Lallament que teve a ideia de se fazer este album, ideia que foi bem accete pela commissão executiva da colonia franceza.

Immediatamente o sr. Lallament convidou alguns artistas portuguezes residentes em Lisboa, e foi expressamente ao Porto convidar Teixeira Lopes para fazer o modelo da capa do album e que temos o prazer de reproduzir na gravura da pagina 228.

A composição de Teixeira Lopes é feliz e primorosamente modelada em relevo. Fazendo fundo á composição vê-se a monumental Torre de Belem, essa preciosa joia cravada na margem esquerda do Tejo, que recorda os descobrimentos dos navegadores portuguezes do seculo XVI; sobre este fundo e ao centro sobresaem um medalhão com o perfil da Republica e em volta a legenda *Republique Française*; na parte inferior e ao lado esquerdo vê-se um gracioso escudo com o monogramma de Mr. Emile Loubet, sobre o qual revoa a toda a altura da capa um alegre bando de genios alados; na parte superior lê-se a palavra *Portugal* em elegantes letras relevadas.

E' esta a *plaque* de Teixeira Lopes que está sendo fundida em *cobre patiné* em tom de ouro velho.

No album collaboram os artistas Carlos Reis com um lindo desenho, excerpto do seu quadro *O Conselho dos Deuses* (*Lusiadas* — Canto II) pertencente ao Museu d'Artilharia; José Malhoa com uma pintura sobre pregaminho, de uma bella cabeça de mulher do Norte em seu lindo e caracteristico traje, com todo o alegre colorido da palheta d'este pintor verdadeiramente peninsular; Columbano, pintou uma aguarela representando o monumento da praça do Commercio em honra de D. José I.

De artistas francezes figura no album uma reproducção do frontão dos Paços do Concelho de Lisboa, de Anatole Calmels, feita por Arnaldo da Fonseca; e Lucien Lallament que dirigio toda a confecção typographica do album, o qual mede 0,51^m de altura por 0,40^m de largura.

As despesas d'este album são costeadas por uma subscrição aberta entre a colonia franceza, cuja commissão executiva é composta dos seguintes cavalheiros:

Mr. Jean Bonneville, Presidente — Negociante.

Mr. Maurice Garrelon, Secretario — Negociante.

Mr. Emile Le Fraper, Chefe de contabilidade da Companhia do Gaz.

Mr. André Leproux, Director da Companhia Real dos Caminhos de Ferro.

Mr. Max Donau, Director da Exploração do Porto de Lisboa.

Mr. Fernand Touzet, Thesoureiro — Constructor.

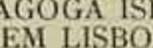
Mr. Paul Pompéi, Advogado da Legação de França.

Mr. Lucien Lallament, Artista e Industrial.

Mr. Gorges Chaignou, Engenheiro.

Mr. Leon Lacombe, Vice-Presidente — Engenheiro.

Mr. Leon Delpeut, Delegado de Setubal — Negociante.



A SYNAGOGA ISRAELITA EM LISBOA

A colonia israelita, em Lisboa, celebrou no dia 8 do corrente e seguintes, as festas do *Kipur* do anno 5666, uma das maiores solemnidades religiosas do seu ritu, e que este anno já foi celebrada na nova synagoga.

Desde os principios do seculo XIX que a colonia israelita celebrava as suas solemnidades religiosas em uma casa da travessa do Ferregeal, onde occupava duas salas para esse fim. Em meados do seculo passado estabeleceu outra synagoga, em uma casa do beco dos Apostolos. Estas synagogas, porém, eram provisórias e esta-



MR. MAURICE ROUVIER
PRESIDENTE DO CONSELHO E MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DE FRANÇA,
QUE ACOMPANHA MR. LOUBET NA SUA VIAGEM



MR. CHARLES ROUVIER
MINISTRO DE FRANÇA EM PORTUGAL

vam longe de satisfazer ás solemnidades do culto, pelo que a colonia israelita teve sempre em vistas construir o seu templo proprio, chegando para isso a adquirir um terreno para o edificar, mas tendo a final de o vender, por não poder alcançar capital para a construção.

Era bastante limitado o numero de israelitas em Lisboa, e a somma necessaria para a edificação, relativamente importante.

A construção da synagoga, constituiu, pois, para a colonia israelita uma aspiração de quasi um seculo, até que fosse realisada.

Com o tempo melhoraram as condições da colonia, que foi augmentando e então alguns dos seus membros mais influentes e de boa vontade constituiram uma commissão para adquirir donativos para a synagoga, a qual commissão foi composta dos srs. Abrahão Anahory, Mark Seruya, Leão Amzalak, Jayme Pinto Saul Cagi, Jacob Levy Azancot, Raphael Simão Anahory, Jacob Pariento, Isaac A. Levy e Salomão Sequerra. Esta commissão, porém, não conseguiu ainda o seu proposito e delegou aquelle encargo em uma commissão de senhoras israelitas, que ficou assim composta: D. Esther Abecassis Seruya, presidente, D. Donna Benoliel de Levy, D. Rachel Levy Azancot, D. Esther Cohen Sequerra, D. Rachel Cardoso Anahory e D. Esther Pinto Levy. Estas senhoras conseguiram reunir alguns donativos em Portugal aos quaes vieram juntar-se outros de israelitas residentes em Africa, Brazil e Ingla-



«PLAQUETTE» DA CAPA DO ALBUM OFFERECIDO A MR. LOUBET,
MODELADO POR TEIXEIRA LOPES

terra, o que promettiu dar começo aos trabalhos, procedendo-se ao lançamento da primeira pedra do templo, no dia 25 de maio de 1902, n'um terreno quasi ao fim da rua Alexandre Herculano, lado norte.

O projecto d'esta synagoga foi elaborado pelo architecto sr. Ventura Terra, auctor de tantas outras obras importantes, de que citaremos a sala da camara dos deputados, a casa do mesmo architecto, que mereceu o premio Valmor, etc.

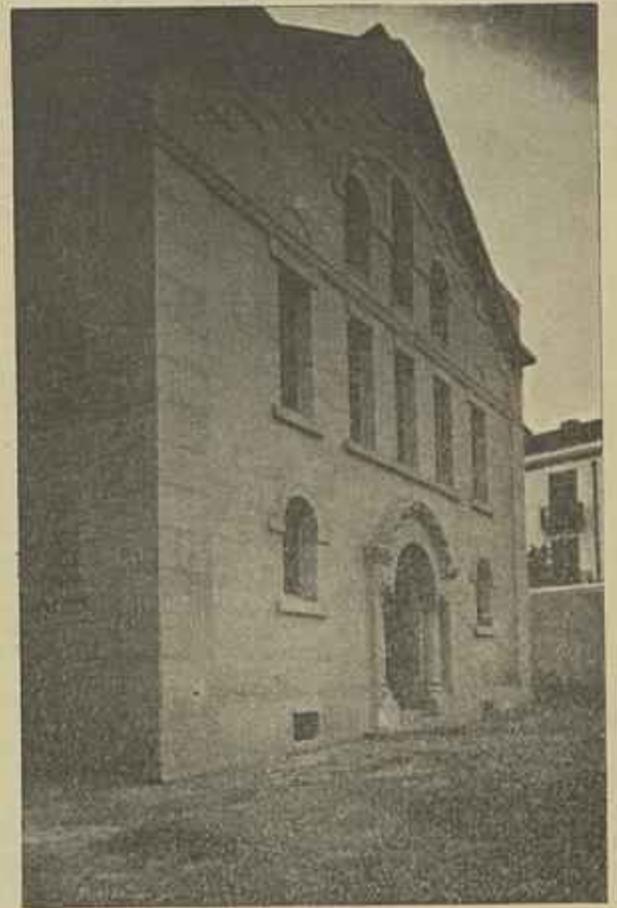
A architectura da synagoga é em estylo romano-byzantino, com alguns motivos orientaes. O sr. Ventura Terra affirmou mais uma vez o seu bello talento fazendo uma obra monumental dentro do orçamento relativamente limitado. A synagoga israelita em Lisboa, excede o que de mais grandioso existe em synagogas nas principaes cidades estrangeiras.

Pelas gravuras que publicamos se vê não só a imponencia do aspecto exterior do edificio, como a grandeza do arco interior sustentado por columnas que se repetem a todo o comprimento do templo, em numero de doze — seis por banda —, as quaes sustentam uma vasta galeria em volta do templo. Sobre o grande arco do *Ejal* está gravado a ouro em caracteres hebraicos este versiculo: *Lembra-te perante quem estás*. Irradiando de aquellas palavras sahem grandes fachos de luz de tão seguro effeito que a illusão é completa, sendo esta admiravel pintura do professor sr. Velloso Salgado. Do meio do arco pende uma lampada de prata, cujo desenho é do sr. Ventura Ter-

A Synagoga Israelita em Lisboa



VISTA INTERIOR DA SYNAGOGA — O ARCO DO EJAI



VISTA EXTERIOR DA SYNAGOGA.



VISTA INTERIOR DA SYNAGOGA — A «TEBA»

Photographies do sr. Beno'el

ra, primorosamente cynzelada pelo sr. Christofanetti.

Ao centro da synagoga ergue-se a *Teba*, lugar destinado ao sacerdote d'onde elle profere as orações e lê os *Sepharim*.

A esta synagoga foi dado o nome de *Portas de Esperança* e assim foi inaugurada, com grande solemnidade a 18 de maio de 1904.

A construção fez-se sob a direcção do sr. Abilio Pereira de Campos, habil constructor civil.

Na frente do edificio e á esquerda da entrada vê-se, gravada na pedra, a seguinte inscripção:

Colonia Israelita.— Esta pedra fundamental da synagoga portugueza, Shaare Tikva foi collocada em 18 de Yiar de 5662 (25 de maio de 1902) por Abraham E. Levy, sendo presidente do comité Leão Amzalak, presidente da secção de edificação A. Anahory e thesoureiro da colonia Salomon de M. Sequerra. Architecto Ventura Terra. Constructor Abilio Pereira de Campos.

LITTERATURA RUSSIANA

TREMENDA NOITE!

POR
ANTONIO TCHERKHOFF

Ivan Petrovitch Panikhidine enfiou, abaixou a torcida ao candieiro e encetou com a voz alterada:

— Envolvía a terra denso e impenetravel nevoeiro, uma noite, vindo eu a caminho da minha residencia, de volta de casa de um amigo, que já lá vai, onde todos assistiram a uma comprida sessão de espiritismo. As viélas e betesgas que vim atravessando, por motivo que não sei explicar, estavam todas, por assim dizer, ás escuras, e tive que orientar meu caminho quasi que ás apalpadélas.

Residia eu, então, em Moscou, a dois passos da egreja da Resureição, em casa de um empregado publico, por nome Trupoff, isto é, em um sitio dos mais ermos do bairro de Arbate.

A medida que ia caminhando, acabrunhavam-me idéias tristes, desoladoras...

«Arrepende-te, que a tua vida está por um fio...»

Tal era a frase que, durante a sessão, eu ouvira da boca de Spínosa, a cujo espirito conseguimos evocar.

Eu havia pedido a repetição, e o pires, não só repetiu, mas ainda por cima acrescentou: «Esta noite...»

Não acredito no espiritismo, mas a ideia da morte ou uma simples allusão a morte deixa-me succumbido. A morte, senhores meus, é inevitavel, commum, mas sem embargo, a ideia da morte é adversa a natureza do homem.

E agora, que me via envolto em fria quanto impenetravel escuridão e que, toldando-me a vista, remoinhavam furibundos os perigos da chuva, e que o vento por cima da minha cabeça soltava plangentes gemidos; agora que eu, em redor de mim, não ouvia uma unica voz humana, todo eu era medo... um medo indefinido, a par de inexplicavel. E eu, que não sou accessivel a preconceitos, estuguei o passo, receoso de olhar para trás, e para o lado, até. Parecia-me que se acaso tivesse olhado para trás, haveria certamente visto a morte sob a forma de um fantasma.

Panikhidine arrancou um fundo suspiro, bebeu um gole de agua e proseguiu:

— Aquelle medo indefinivel mas compreensivel para ti não me largou, nem sequer quando, galgados os quatro andares do predio de Trupoff, abri a porta e dei entrada no meu quarto. A minha humilde morada estava ás escuras. No tubo do fogão carpia o vento e, como se quísiera pedir hospitalidade, batia á porta da boca de calor.

— Se é verdade o que afirma Spínosa, disse eu commigo sorrindo, esta noite, que remedio tenho eu senão morrer, ao som deste queixume.

A falar verdade, custa, lá isso custa!

Acendi um fosforo. Rastejou pelo telhado do predio uma rajada furibunda de vento. O sereno queixume transformou-se em um rugido malévolo. Algures, lá embaixo, um postigo meio-arrancado pegou a bater e a porta da minha boca de calor, plangente, entrou a bradar por soccorro...

«Com uma noite destas, é triste não poder dispor de um abrigo, reflecti.

Não era porém azado o lance para que me entregasse a taes reflexões. Assim que o enxofre do meu fosforo pegou a arder com uma labarêda azulada e que varri com a vista o ambito do meu cubiculo, eis-se me antolha espectáculo tremendo

quanto inesperado... Por que me não havia uma moftina rajada de vento ter apagado o fosforo!

Se assim fora, talvez que eu não tivesse visto coisa nenhuma, e não se me haveriam eriçado os cabellos da cabeça! Soltei um grito, recuei um passo para a porta e, gelado de pavor, de espanto e de desespero, cerrei os olhos...

No meio do quarto, deparara-se-me um ataúde...

Não durára muito a chamma azul, mas dera-me tempo para distinguir os contornos do ataúde... Vi-o brocado cor-de-rosa, a luz de ouro e lentejoilas, vi a cruz doirada de passemaria, na tampa. Ha coisas, meus senhores, que se insculpem na memoria, comquanto se hajam apenas dividido por instantes. Foi o que me succedeu com aquelle ataúde. Entrevi-o pelo espaço de um segundo, meramente, mas lembro-me delle com os minimos pormenores. Era o caixão de uma pessoa de mediana estatura, a julgar pela cor de rosa, parecendo ser destinado a uma rapariga. O brocado de muito preço, os pedunculos, as molas de bronze, tudo, emfim, denunciava que o defunto era abastado.

Fugi do quarto a bom correr e sem reflectir, sem pensar, mas unica e exclusivamente sob a influencia d'inexprimivel pavor, galguei os degraus da escada.

Quer nesta quer no corredor achava-se tudo ás escuras, e os pés a embicarem-me na pellica, que nem sei como não me estatei para ali no chão, com a cabeça partida. Mal que alcancei a rua, encostei-me ao candieiro molhado e foi-se-me restabelecendo a serenidade.

Tinha a respiração tomada, e o coração dava-me cada baque!...

Das senhoras que estavam escutando, uma abaixou a torcida ao candieiro, chegou-se mais para o narrador e este proseguiu:

Não me haveria movido espanto se acaso viera encontrar no meu quarto um principio de incendio, um ladrão, ou um cão damnado. Não me haveria movido espanto se o tecto houvesse deruido, se se houvesse aberto debaixo dos meus pés o sobrado, se vira as paredes a desabar...

Tudo isto é natural e comprehensivel. Mas porque artes me entraria pelo quarto dentro aquelle ataúde? Donde viria? Era um ataúde rico, para uma mulher, para uma menina da aristocracia, manifestamente, como é que viera parar ao po-brissimo quarto de um empregado subalterno? E aquella juvenil patricia, quem era ella, que, havendo deixado para todo sempre esta vida, me vinha fazer tão estranha e tremenda visita? Pungente segredo!

Se não era obra de milagre, havia crime no caso, tal foi a ideia que me accudiu á mente.

Perdia-me em conjecturas. A porta, durante a minha ausencia, ficára fechada, e o esconderijo onde eu deixava a chave apenas o sabiam alguns amigos intimos.

Aquelle ataúde não fóra porém trazido para ali por mãos de amigos. Era licito suppôr que os agentes funerarios o houvessem deixado por engano em minha casa. Mal informados, quem nos diz que se não tivessem enganado na escada, ou na porta, carregando com o ataúde para onde elle menos era preciso? Ninguém ignora, porém, que os nossos cangalheiros não largam a porta se se lhes não retribue o trabalho, ou pelo menos, antes de meterem para o bolso a competente gorgeta?

Os espiritos vaticinaram-me a morte, disse commigo. Não seriam elles os proprios a dar-se ao trabalho de me proporcionar tambem o caixão?

Eu, meus senhores, nem acredito, nem acreditei nunca em espiritismos, uma tal coincidência, comtudo, era caso para tornar místico o proprio genio do maior filosofo.

Mas tudo isto, afinal, são tollices, decidi; assustei-me como qualquer menino de escola. Era illusão optica, e nada mais! Ao recolher para casa, vinha a tal ponto impressionado que não é para admirar que os nervos affectados me induzissem a ver um ataúde!...

Foi uma illusão optica, com certeza! Nem outra coisa podia ser!

A chuva zurgia-me o rosto e o vento sacudia-me a roda da pellica e o chapeu... Estava todo eu tranzido de frio e encharcado até aos ossos. Era urgente o recolher-me em qualquer parte, mas, onde? Voltar para casa, seria arriscar-me a ver o ataúde, e era superior ás minhas forças um tal espectáculo. Sem ter viv'alma ao pé de mim, sem ouvir o minimo som de voz humana; ficar para ali sózinho, a fazer companhia aquelle caixão, dentro do qual, quem sabe, estaria talvez um cadaver, era arriscar-me a perder o uso da razão. Deixar-me ficar na rua a apanhar aquella

chuva torrencial e exposto ao frio, era impossivel, tambem.

Resolvi ir passar a noite para casa do meu amigo Upakoiéf o qual, mais tarde, conforme sabem, se suicidou. Morava em uma casa de hospedes em Tcherepof, na rua Meurtvy.

Panikhidine enxugou o suor algido que lhe escorria pelo livido semblante e, soltando a custo um suspiro, proseguiu:

— Não encontrei o tal meu amigo. Depois de lhe haver batido á porta e de me convencer de que não estava em casa, ás apalpadélas encontrei a chave em cima da padieira da porta, abri e entrei. Atirei para o chão a pellica encharcada, e assim que topei com o divan, sentei-me, ás escuras, para descansar. No ventilador, o vento a zumbir em tom melancolico. No fogão, um grilo silvando aquelle seu monotono cantar. Deu meia noite no Kremlin. Acendi á pressa um fosforo. E todavia, a luz não me veio debellar a tristeza, antes pelo contrario. Voltou a apoderar-se-me do animo um medo tremendo... Soltei um grito, tropecei, e, sem poder ter mão em mim, investi pela porta fora...

(Continúa).

M. MACEDO.

A natureza e seus phenomenos

PARTE III

CALORICO

CAPITULO II

MUDANÇA DE ESTADO DOS-CORPOS

(Continuado do n.º 962)

VII — Estado espheroidal

O phenomeno observado, quando, um liquido se encontra a uma temperatura superior á do seu ponto d'ebullição, é o estado *espheroidal*.

O liquido, toma então, a forma de pequenas esferas, achatadas, as quaes são animadas de movimento giratorio.

N'esse estado, os liquidos não molham as superficies sobre que gosam.

Aquecendo ao rubro, uma capsula de platina, e deitando lhe pequenas gottas de agua, esta não ferve, mas sim, toma a forma espherica, não molhando a capsula. A evaporação é feita mais lentamente do que se houvesse ebullição. Tirando a capsula do fogo, e resfriando-a, a temperatura baixando até ao ponto de ebullição da agua, esta molhará a capsula, reduzindo-se a vapor todos os liquidos são susceptiveis de tomar a forma espheroidal. N'esse estado, os corpos conservam uma temperatura inferior ao da sua ebullição — Assim a agua conserva a temperatura de 95° o alcool, 75°, o ether, 34°, etc.

E' a grande energia do movimento vibratorio calorifico que o corpo possui n'esse estado que impede o contacto do liquido com a superficie quente. O liquido recebe, então, unicamente o calor que invadia da superficie do corpo quente, o que promove alguma evaporação; mas se o liquido fór diathermico, parte d'esse calor reflectir-se-ha sem aquecer o corpo. O movimento giratorio das moleculas é devido á acção do vapor.

Devido ao estado espheroidal dos corpos, podemos amulecendo as mãos em agua, mettel-as dentro de uma porção de chumbo ou ferro, em fusão, sem risco de as queimar-mos, visto não haver contacto entre a mão e as substancias em fusão, devendo no emtanto fazer-se a experiencia com cautella, afim de que a força repulsiva do calor não seja vencida porque n'este caso, estabelecendo-se-hia immediatamente o contacto.

VII — Hygrometria

A parte da physica que estuda a humidade do ar, é a *hygrometria*.

Estado hygrometrico do ar é a relação entre o peso de vapor d'agua contido n'um dado volume de ar, e o peso d'esse mesmo volume d'ar, á mesma temperatura, se saturado.

Osapparelhos que medem a humidade do ar são os hygrometros.

Alguns hygrometros fundam-se na propriedade de certas substancias organicas absorverem o vapor d'agua mudando de forma ou volume hygrometro de absorpção outros, na facilidade com que o vapor d'agua se deposita nos corpos frios quando o ar que o contem foi resfriado até se saturar (hygrometros de condensação), outros ainda baseiam-se na influencia do estado hygro-

metrico, e na rapidez da evaporação (hygrometros de evaporação) e finalmente, outros, na propriedade de certas substancias absorverem o vapor d'agua (hygrometros chimicos).

Hygrometros de absorção. Os cabellos, as cordas e outras substancias quando humidas teem a propriedade de se encurtarem, alargando-se, quando o ar se torna mais secco.

Fundados n'este principio, construíram-se os **Hygrosopes.**

E' conhecido o boneco representando um frade de chapéu, o qual se cobre, quando o tempo está humido e se destaca em caso contrario, devido a um pedaço de corda de tripa torcida e presa, por um dos extremos, a qual dá movimento á outra.

O **hygrometro de Saussure**, consta de um quadro metallico com um cabello preso superiormente e enrolado na sua parte inferior, a uma roldana, a cujo eixo se liga um ponteiro girando sobre um quadrante graduado. No extremo livre do cabello, ha um pequeno pezo de modo a conservar o sempre tenso — quando o tempo está secco, o cabello encurtando-se, faz descer o ponteiro. Introduzindo o aparelho n'um espaço saturado de humidade, no ponto onde o ponteiro estacionar, marca-se 100; se o introduzirmos n'um ambiente secco, marcamos 0, no ponto de estacionamento do ponteiro. Dividindo este espaço em 100 partes eguaes, teremos graduado o hygrometro.

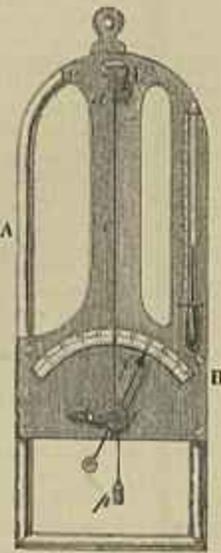


Fig. 4b. — Hygrometro de Saussure

Para preparar o cabello, teremos de o desembaraçar das substancias oleozas, por meio de uma dissolução de carbonato de potássio, em seguida mergulhar o-hemos na agua a ferver e finalmente na agua fria.

Pode conseguir-se o mesmo resultado, immerzindo o cabello no ether, durante 24 horas.

CAPITULO III

APPLICAÇÕES DO CALOR

Já dissemos que as origens do calor podiam ser *mechanicas, physicas ou chimicas.*

As acções mechanicas desenvolvem calor, pela *fricção, pressão ou precurssão.* Dos agentes physicos, o principal é, como vimos, o sol. A acção d'esse foco sobre a terra é variavel consoante a altura d'esse astro acima do horisonte com as estações e a *latitude.*

Parte do calor enviado pelo sol, é absorvido pela atmosphera.

O *calor central* (calor proprio da Terra) explica o facto da terra, antes de ser solida, ter estado em ignição, conservando-se ainda, parte da sua massa não solidificada. A temperatura da massa terrestre pode considerar-se dividida em 3 partes ou zonas: a *superficial*, variando com as estações do anno, a *invariavel*, conservando sempre, egual temperatura durante todo o anno, e a *progressiva* zona na qual, a temperatura vae successivamente augmentando com a profundidade, augmento que é calculado, pouco mais ou menos, de 1°, por cada 30 metros que descemos — Se esse augmento for constante, a 2:700 metros, a temperatura deverá ser de 100° e a 100:000 de profundidade, todas as substancias conhecidas deverão estar em fusão.

As erupções vulcanicas, fontes thermaes, etc., parecem demonstrar esse facto — os phenomenos moleculares desenvolvem tambem calor. Quando um corpo passa do de vapor, de liquido a solido ha, como vimos, desenvolvimento de calor.

Acções chimicas. Dois corpos combinando-se produzem calor, algumas vezes a temperatura ordinaria, outras por elevação de temperatura. Esse calor é devido ao choque das moleculas dos corpos entre os quaes se exerce a afinidade.

Combustão. E' a combinação chimica acompanhada de calor e luz. A reunião do calor e luz, dá origem ao fogo.

(Continua.)

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Na *Photo-Gazette*, Briand menciona um methodo de collagem por via secca que tem dado excellentes resultados.

Faz-se a solução seguinte:

Gomma laca branca ou alourada	30 gr.
Gomma élémi	3 "
Balsamo do Canadá xaroposo	5 "
Alcool a 90°	100 cm. ³

Dissolve-se á parte, n'uma porção de alcool, a gomma *élémi* e o balsamo do Canadá, e, por outro lado, a gomma laca. Estas dissoluções demandam um certo tempo, por isso, é conveniente de collocar os frascos onde devem ser contidas as dissoluções, perto do local onde se preparam afim de os poder sacudir frequentes vezes. Para a dissolução completa, carece-se de, pelo menos, 12 horas. Feito isto, misturam-se as soluções, conservando-as n'um frasco hermeticamente fechadas.

Quando se pretende proceder á collagem das provas, dissolve-se 200 gr. de gomma arabica em 1000 cm.³ de agua, e junta-se-lhe depois, 50 cm.³ de formol e 15 gr. de glicerina ordinaria.

Este preparado é espalhado, por meio de um pincel, no verso da prova, deixando-se secar ao ar livre, n'um quarto quente, e depois, procede-se da mesma forma com a solução de gomma laca acima indicada.

NEGROLOGIA

CONSELHEIRO MARIANNO DE CARVALHO

Quasi ao entrar este numero da nossa revista na machina, nos chegou a noticia da morte do conselheiro Marianno de Carvalho.

Triste nova! embora de ha muito esperada, tem a imprensa a divulgar, a imprensa em que Marianno de Carvalho foi astro brilhante de primeira grandeza, que ora se perde no occaso dos mundos desconhecidos, nas trevas do tumulo, onde se apaga a fulgente luz d'aquelle espirito, que irradiou por quasi meio seculo na imprensa portugueza, com toda a pujança extraordinaria do seu prodigioso talento.

Em dois mezes desaparecem no tumulo os dois grandes jornalistas, deixando um enorme vacuo imprezível porque esses dois colossos do jornalismo, Emygdio Navarro e Marianno de Carvalho, são d'uma epoca e não de cada dia.

Decorrem os annos, evolvem os tempos antes que voltem homens d'aquelle estatura moral, e nos annos e nos tempos sente-se a falta d'esses homens, embora muitas vezes não se atine com as causas de decadencia das sociedades.

Nas sciencias como nas artes, na politica como nas armas, são os grandes cerebros que orientam e imprimem caracter á sua epoca, elevam o nivel social e germinam os progressos da humanidade.

Marianno de Carvalho era um d'esses cerebros privilegiados tão abundante em faculdades de percepção e de creação, que essa exuberancia premio ao seu espirito aquella philosophia, que muitas vezes lhe prejudicou a acção e que estava latente na ironia das suas palavras e dos seus escriptos.

As faculdades de Marianno de Carvalho eram demasiado elevadas para se accommodarem ás convenções e conveniencias da vida. A lucidez do seu espirito desvendando as mais intrincadas questões e expondo-as claras e simples, ao alcance da comprehensão do vulgo, deu-lhe a aura popular, que a teve como nenhum outro do seu tempo, e na independencia do seu pensar elle se sentiu bem por muitos annos, até que a necessidade o impeliu a tomar um partido que lhe garantisse o que a aura popular lhe não dava.

N'essa hora aconteceu-lhe o mesmo que a Antonio Rodrigues Sampaio, quando accitou o logar de conselheiro do Tribunal de Contas. O valente redactor do *Espectro* e da *Revolução de Setembro*, que com a pena fizera agitar o paiz inteiro, perdeu a grande popularidade no dia em que tomou logar á mesa do orçamento. Marianno de Carvalho teve a mesma sorte, quando accitou a pasta de ministro, a que elle por tantos annos resistira.

Foi em 1886, que o jornalista popular sobrasou a pasta de ministro da fazenda, no gabinete formado pelo sr. José Luciano de Castro e comtudo de ha muito que os seus estudos financeiros o indicavam para ministro, lhe davam todo o direito de o ser.

Em 1891 voltou de novo aos conselhos da corôa

no ministerio formado pelo venerando general João Chrysostomo, como ministro da fazenda, na desgraçada situação financeira e economica em que se encontrava o paiz, com uma banca rôta latente que fazia recuar mais de um financeiro. Marianno de Carvalho, porém, soube arcar com a difficuldade esmagadora, decretando a circulação do papel, com que salvou o cataclismo imminente, que ao contrario do que seria para supor, um povo para quem era novidade essa especie de dinheiro, foi esse expediente bem accete e hoje é negocio corrente.

Isto, porém, é nada para o que Marianno de Carvalho poderia fazer, se elle concentrasse as suas extraordinarias faculdades em obra de folgo, em qualquer ramo das sciencias, em vez de se esterelisar nos meandros da politica, subordinada ás imposições dos partidos, pelas ambições e paixões insuflidas.

Por contradicção da sorte, Marianno de Carvalho foi um infeliz, quando lhe sobravam predicações para triumphar da lucta da vida; sacrificou-se pela politica e esta não lhe compensou o sacrificio.

Trabalhou, trabalhou muito, trabalhou sempre. A pena só lhe cahiu da mão quando esta pendeu sem vida, e até aos ultimos momentos essa pena foi sempre a fiel transmissoura do seu espirito vivo, muita vez sarcastico, temivel para o adversario que com elle tentasse esgremir, pois ficava vencido.

Não é nas rapidas linhas escriptas no breve tempo em que tem de apparecer á publicidade, que se pôde fazer a historia accidentada e cheia de Marianno de Carvalho.

Mais tarde se hade escrever de sua vida e ficará bem gravado seu perfil moral.

Terminaremos com algumas breves notas biographicas, que podemos colher.

O conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho, nasceu na Abrigada a 25 de junho de 1836. Aos 14 annos matriculou-se na Escola Polytechnica, fazendo o curso de pharmacia e depois o de sciencias mathematicas. Ainda novo foi nomeado repellido da Escola do Exercito, e mais tarde lente substituto da cadeira de mathematica da Escola Polytechnica, sendo promovido a lente proprietario da 1.ª em 1887.

Em 1864 estrejou-se jornalista na *Gazeta de Portugal*, de Teixeira de Vasconcellos, revelando logo as suas qualidades de polemista e de profundo conhecimento das questões.

Fundou depois os jornas *Noticias*, *As Novidades*, *Correio Portuguez*, *Diario Popular* que mudou em *O Popular*.

Filiou-se no partido reformista e foi eleito a primeira vez deputado pela Chamusca em 1870. Em 1876 acompanhou o seu partido no pacto da Granja com que se formou o partido progressista.

Foi ministro da fazenda em 1886 e depois em 1891, como ficou dito.

Em 1889 desempenhou o cargo de commissario do governo portuguez na Exposição de Paris.

Em 1890 deixou o partido progressista e conservou-se até ao seu fallecimento deputado independente.

Ainda n'este anno foi visitar as possessões portuguezas da Africa Oriental commissionado pelo governo em viagem de estudo, de que fez um excellento relatorio mandado publicar pelo ministerio da marinha. No regresso d'esta viagem foi-lhe feita uma brilhante recepção em um banquete realiado no theatro da Trindade.

No Congresso Agricola de 1900 tomou parte muito activa como representante do syndicato agricola de Montemor-o-Novo.

No *Diario das Camaras* e no *Diario do Governo* encontram-se os seus discursos parlamentares e muitos projectos e propostas de leis, precedidos de relatorios, demonstrando bem o seu enorme trabalho e profundos e variados conhecimentos. Além d'isto outras obras publicou de que citaremos: *Questão dos Tabacos*, *Discursos proferidos na Camara dos Deputados em 1889*, *Questão de hoje*, *Os planos financeiros de Marianno de Carvalho*, etc.

Traduziu varios livros da colleção de Julio Verne e para o theatro do Gymnasio a *Bola de Sabão*.

Publicações recebidas

Quem são os apostatas? — por Manuel Pinto dos Santos. De mão do nosso bom amigo Gomes de Carvalho, activo gerente da Casa Tavares Cardoso, recebemos o livro, cujo titulo nos serve de epigraphe; a *Viuva*; *A religião do esforço*; o

